

Estado do Rio Grande do Sul  
Município de Passo Fundo  
Câmara Municipal



004  
24

## Gabinete do Vereador Édison Nunes - PP

### JUSTIFICATIVA

Lembrar da vida e da trajetória de Jayme Caetano Braun, é uma tarefa difícil, honrosa e gratificante. Lembrar do grande poeta e "payador", gaúcho consagrado em todo o Brasil, admirado também no Uruguai, no Chile e na Argentina, é algo que nos comove e nos transfere a outras dimensões. Repentista como ninguém, escreveu oito livros de poesia carregada do mais puro telurismo, dentre eles "Potreiro de Guachos", "Brasil Grande do Sul", "De Fogão em Fogão", "Pátria", "Fogões", "Legendas", "Bota de Garrão", "Galpão de Estância", e o melhor de todos em nossa ótica, "Paisagens Perdidas". Após sua morte, ainda, publicou-se mais um livro com poesias inéditas, e, a exemplo de todas as outras, magníficas.

Jayme Caetano Braun é, sem sombra de qualquer dúvida, um nome respeitado, e reverenciado, repetido e cultuado em todos os quadrantes do Rio Grande.

Seus livros nada mais são do que instantâneos de algumas notas que o autor gerou e conservou. O mais, perdeu-se e se perderá nas noites de galpão, nas reuniões sociais e nas encontros de "payadores" onde Jayme, de improviso, emocionado e de olhar penetrante, soltava ao sabor de uma milonga o rosário de ouro das suas mais profundas, pensadas e soberbas composições. Ele foi um repentista extraordinário encarnando fortemente o panorama inteiro do Rio Grande, cantando-os nos momentos de exaltação. Na continuada transfiguração do espírito, revivendo nele, e em cada um de nós, os preciosos motivos da criação e da arte do índio oculto, de troncos ocios, e de concreta reflexão. Esta é a linguagem chucra de evocações lendárias do selvagem galpão. Revive o homem de chiripá e botas de garrão de potro, na inimitável expressão dos dias da conquista, onde se viviam momentos difíceis temperados a couro cru, e onde a lei era a faca, a lança indo despertar nas distâncias infinitas do pampa, quando os monarcas da amplitude transpunham distâncias ao ritmo de quatro-patas e ao esvoaçar de crinas de baguais recém-domados. É o herói peão de



Gabinete do Vereador **ÉDISON NUNES**

Rua Dr. João Freitas, 75 - CEP 99050-000

Fones: (54) 316.7317/7318

e-mail: edisonnunes@cmpf.rs.gov.br

Visite o site: [www.edisonnunes.com.br](http://www.edisonnunes.com.br)

005  
ef.



**Estado do Rio Grande do Sul  
Município de Passo Fundo  
Câmara Municipal**



## **Gabinete do Vereador Édison Nunes - PP**

estância, no seu linguajar grosseiro e pitoresco, é o reviver dos pealos porteira afora e a de compor expressões desconhecidas da gramática, porque se geraram nos atropelos de campereadas, que não se repetem, sovando rédeas e pelegos de boa vontade.

Na misteriosa organização das rimas, abstrai-se o seu tipo físico e veste-se a expressão de domadores e vaqueanos, ao trote de ganhões poderosos, destilando ao compasso de patas a rima bárbara de horizontes chucros. Os que escutam e ouvem, vislubram um Rio Grande altivo, sentindo, a bulha de tiradores e o tinido ancestral das esporas de ferro riscando ilhargas de baguais.

Depois, na transposição maravilhosa do tempo e da inteligência humana, ele nos repõe aos nossos dias, frente ao fogo de um galpão evocativo, estando todos embebidos da visionária e impressionante retrospectiva do passado. Tudo faz sentirmo-nos mais rio-grandenses, além de compreendermos que somente a um homem a cavalo, na época, poderia ser atribuída a grandiosa tarefa de vigiar, atuando como sentinela deste imenso Brasil meridional.

Jayme Caetano Braun em sua passagem, fez viagem ao Pouso Alto. Não o Pouso Alto da nossa terra, mas aquele de outra dimensão, alto, distante e inatingível como o céu da glória. Os seus versos ainda ressoam nos galpões de todo o Rio Grande do Sul, do Paraná, do Mato Grosso, de São Paulo, do Brasil inteiro, de sul a norte, de leste a oeste, em todos os rincões onde se cultuam as tradições de dignidade humana e o respeito por um passado de glórias, originando "nós" em gargantas e lágrimas naqueles que são capazes de emocionar-se com versos chucros, rimas precisas e "payadas" gaudérias. Nas escolas do interior, gauchinhas e gauchinhos declamam os versos do poeta, fazendo muito gaúcho bruto esconder lágrimas furtivas, envergonhado por carregar, furtivamente tanta sensibilidade na alma. Uma vez tocado pela emoção, talvez lembrando o seu próprio pai ao ouvir o poeta cantando, com voz rouca, sente saudades do seu "velho querido", o João Aloysio, "e se não fui nem a sombra/do que foste, velho Santo./ Uma coisa te garanto/Sempre me orgulhei de ti".

Foi a genialidade e a prática que consagraram Jayme Caetano Braun, e acima de tudo, a sua grande sensibilidade para o heróico e o animismo que impregnam a sua obra. É este mesmo animismo, que ele "bebeu no leite da infância e no churrasco da juventude" como disse Ruy Ramos, que está presente em tudo o que cantou e escreveu. Trata animais.



### **Gabinete do Vereador ÉDISON NUNES**

Rua Dr. João Freitas, 75 - CEP 99050-000

Fones: (54) 316.7317/7318

e-mail: edisonnunes@cmpf.rs.gov.br

Visite o site: [www.edisonnunes.com.br](http://www.edisonnunes.com.br)



Estado do Rio Grande do Sul  
Município de Passo Fundo  
Câmara Municipal



006  
44

## Gabinete do Vereador Édison Nunes - PP

coisas, objetos e até os fenômenos meteorológicos como pessoas, exatamente como faz o índio de qualquer, nacionalidade, familiarizado com a terra – irmã e não inimiga, com o telurismo e a mãe natureza. Braun fala e canta tudo o que o rodeia botas, pelegos, ponchos, facas, laços, cuias, erva-mate, galos de rinha, cavalos. Canta o vento, com taperas, com a chuva e com uma infinidade de objetos de uso campeiro na maior intimidade. Esta é a grande herança materna do Caetano Braun; o animismo que o torna tão íntimo do cosmo, tão guarani! gente assim – índios e Caetanos Brauns – estendem seu humanismo sobre todas as coisas e seres, mal comparando, como São Francisco de Assis e como Buda. Ninguém é humano se discrimina alvos de seus afetos, maniqueisticamente como fazem as doutrinas absolutistas e os fanáticos de quaisquer idéias. O amor é universal: não discrimina cor, sexo, raça, bandeira, partido, religião, nem natureza.

Tanto isto é verdade que apesar de tanto amar o seu berço – “de todos os sentimentos humanos, nenhum é mais natural do que o amor pela aldeia, pelo vale ou pelo bairro em que vivemos os primeiros anos” (José Ingenieros) – o poeta demonstra carinho por todos os povos que sintonizam com a sua alma, englobando-os no seu “Brasil Grande do Sul” num grande abraço. Tudo isto vem confirmar as palavras de Tolstoi. “Quanto mais regional o escritor, quanto mais fale da sua aldeia, mais universal ele se tornará”.

É necessário ainda dizer que nosso homenageado morou por algum tempo em Passo Fundo, tendo estudado nos colégios Nossa Senhora da Conceição e Instituto Educacional-IE, quando, já motivado por sua forte veia poética, respondia as provas em versos rimados, e já exercitava sua aptidão pelos versos, pelas rimas, pela poesia.

Seus grandiosos programas de rádio, em especial os da Rádio Farroupilha de Porto Alegre, transmitidos para todo o estado e o sul do Brasil, estimularam gerações de pessoas pelos caminhos do tradicionalismo e das causas do telurismo e do amor as causas destas terras gaúchas.

Jayme Caetano Braun escreveu muitos versos e exerceu com orgulho, garbo e amor sua condição de poeta o “payador” não só em português mas também em espanhol. Várias são suas obras tanto em nossa língua, como aquelas traduzidas, as quais em bom número virariam musicas mais tarde.



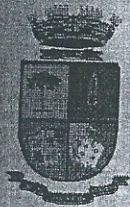
Gabinete do Vereador ÉDISON NUNES

Rua Dr. João Freitas, 75 - CEP 99050-000

Fones: (54) 316.7317/7318

e-mail: edisonnunes@cmpf.rs.gov.br

Visite o site: [www.edisonnunes.com.br](http://www.edisonnunes.com.br)



**Estado do Rio Grande do Sul  
Município de Passo Fundo  
Câmara Municipal**



007  
4.

## **Gabinete do Vereador Édison Nunes - PP**

Assim, "al compás de la vigüela", embaladas de sentimentos e de poesia, seus versos são descarregados na carreta dos livros, embebida de saudade, lembrando os lábios do "payador". Não há quem não o entendesse, o escutasse ou o apreciasse porque ele falava com a linguagem do coração.

É por isto que entendo impostergável a apresentação desta postulação, em nome do tradicionalismo, das raízes gaúchas e daqueles que amam as questões ligadas a terra e que são cantadas por nosso homenageado, em especial, nas muitas vezes que esteve em Passo Fundo. Muito nos emocionamos com seu canto, sem verso, e suas "payadas". Sua voz ainda ecoa alto também por aqui estimulando-nos a lutar pelas causas do Rio Grande, de nosso passado e da nossa mais pura e poética tradição.

Assim, e esperando aprovação deste projeto homenageando Jayme Caetano Braun, justamente em um local onde realizam-se grandes eventos que cultuam nossa tradição, o Parque da Roselândia, é que apresento este projeto, como forma de estabelecer justiça com alguém que fez do sonho e da poesia uma forma de cultuar a lembrança e a força do passado, eternizando sua memória nesta terra que quer ser, e é a cidade da cultura gaúcha.

Gabinete do Vereador Édison Nunes, Bancada do Partido Progressista-PP, aos vinte e nove dias do mês de julho de 2004.

  
**Vereador Édison Nunes  
Bancada - PP**



**Gabinete do Vereador ÉDISON NUNES**

Rua Dr. João Freitas, 75 - CEP 99050-000

Fones: (54) 316.7317/7318

e-mail: edisonnunes@cmpf.rs.gov.br

Visite o site: [www.edisonnunes.com.br](http://www.edisonnunes.com.br)



Estado do Rio Grande do Sul  
Município de Passo Fundo  
Câmara Municipal  
GABINETE DO VER. VERCELÍ DE OLIVEIRA  
BANCADA DO PMDB

## JUSTIFICATIVA

A presente proposição tem por objetivo denominar a praça localizada na entrada do Parque Turístico da Roselândia, prestando uma justa homenagem àquele que foi um dos maiores poetas deste Rio Grande.

**Jaime Caetano Braun** nasceu em 30 de janeiro de 1924, em Timbaúva, hoje Bossoroca, então distrito de São Luiz Gonzaga, um dos Sete Povos das Missões Guaranis. Filho de pai alemão e mãe índia, trazia, simbolicamente, na própria origem de sangue e solo a síntese da formação histórica do Rio Grande do Sul.

Torna-se poeta ao mesmo tempo que entra na vida adulta, em meados dos anos 40. Iniciava-se, então, no Rio Grande do Sul, como no conjunto do país, um tempo de crise e reafirmação de uma identidade ameaçada pela penetração econômica e cultural do imperialismo. O modelo latifundiário exportador esgotara suas possibilidades de manter na sociedade gaúcha um grau mínimo de coesão, a questão agrária tornava-se ineludível e a literatura refletia estas contradições.

Em 1943, começa a publicar poemas na imprensa de sua cidade natal, São Luiz Gonzaga. Quis estudar medicina, mas não pode. Mudou-se, na década de 50, para Porto Alegre, onde foi funcionário do Instituto de Pensões e Aposentadorias dos Servidores do Estado (IPASE, hoje IPERGS). Foi um dos fundadores, nos anos 50, da Estância da Poesia Crioula. No rádio, apresentou, em São Luiz Gonzaga, Galpão de Estância, a partir de 1948, e, em Porto Alegre, Brasil Grande do Sul, nos anos 70.

Publicou oito livros de poesia: Galpão de Estância (1954), De fogão em fogão (1958), Potreiro de Gaúchos (1965), Bota de Garrão, Brasil Grande do Sul e Paisagens perdidas (todos em 1966). Em 1957, compôs uma poesia homenageando os cem anos de emancipação de Passo Fundo.

Assim, apresentamos este projeto de lei, para tramitação de praxe nesta Casa Legislativa, prestando merecida homenagem a este lendário Poeta Gaúcho.

Passo Fundo, 19 de fevereiro de 2008.

**Verceli de Oliveira**  
Vereador  
Líder da Bancada do PMDB



Rua Dr. João Freitas, 75 – CEP 99050-000 – Passo Fundo-RS  
Fones: (54) 3316-7341 – Fax: (54) 3316-7352  
E-Mail:



05  
N.

## Gaúcho sem fronteiras

Henrique Júdice Magalhães



E nesse andejar em frente,  
sem procurar recompensa,  
fui vendo — na diferença  
entre passado e presente que a  
lembrança de um ausente tem mais  
força que a presença!

Jayme Caetano Braun,  
Querência, tempo e ausência

Jayme Caetano Braun (1924-1999) nasceu em Timbaúva (hoje Bossoroca), então distrito de São Luiz Gonzaga, um dos sete povos das Missões guaranis. Filho de pai alemão e mãe índia, trazia simbolicamente na própria origem de sangue e solo a síntese da formação histórica do Rio Grande do Sul: "Avô paterno, o lavrador colono, / no mundo novo, perseguindo anseios; / avô materno, o campeador de entono, / guardião de pátria em pedestal de arreios! / Avó paterna, a camponesa reta, / germana ruiva de ancestrais heranças; / avó materna, a campesina inquieta, / amando a terra e maldizendo as lanças" — escreveu em *Estirpe*.

### Arte, contexto, militância

Jayme torna-se poeta ao mesmo tempo que entra na vida adulta, em meados dos anos 40. Iniciava-se então, no Rio Grande do Sul como no conjunto do país, um tempo de crise e reafirmação de uma identidade ameaçada pela penetração econômica e cultural do imperialismo. O modelo latifundiário exportador esgotara suas possibilidades de manter na sociedade gaúcha um grau mínimo de coesão, a questão agrária tornava-se ineludível e a literatura refletia estas contradições. Na trilogia composta por *Sem rumo* (1937), *Porteira fechada* (1944) e *Estrada nova* (1954), o romancista Cyro Martins denunciava que o gaúcho, reduzido à servidão nos latifúndios da fronteira, estava a pé, despojado que fora até de seu instrumento essencial de trabalho e guerra, o cavalo.

Paralelamente, alguns setores rurais médios ligados à oligarquia, emigrados para Porto Alegre, buscavam, face à própria decadência econômica e à crescente americanização da elite e da classe média da capital, revalorizar um passado mítico. Os valores associados à figura do gaúcho (coragem, solidariedade, honra, altivez), contudo, só poderiam ser efetivamente defendidos no bojo de um projeto de enfrentamento do imperialismo e do latifúndio. Esta tarefa coube ao trabalhismo, força

Argentina e do Uruguai e estreita contatos com artistas daqueles países, como o uruguaio Sandalio Santos, seu amigo.

Foi através destes contatos que encontrou a forma de expressão em que melhor se saía: a *payada*, arte de compor e declamar de improviso versos de rima entrelaçada, geralmente em décimas e ao som de violão. De origem ibérica, nascida na campanha uruguaia no século XIX, a *payada* é o equivalente gaúcho do repente nordestino. Assim como este, pode ser improvisada em dueto, em jogo de perguntas e respostas, variante denominada *payada de contraponto*, que equivale ao desafio dos cantadores do Nordeste. Jayme foi o primeiro e mais importante *payador* brasileiro.

O poeta e pesquisador Antônio Augusto Fagundes, um dos maiores conhecedores da cultura gaúcha, conta, em artigo publicado no jornal *Galpão Crioulo* quando da morte de Jayme, a impressão que lhe causou vê-lo se defrontar numa *payada* de contraponto com Sandalio Santos e o argentino Cayetano Daglio em Porto Alegre, em 1962, durante um congresso tradicionalista.

Em sua luta em defesa da identidade cultural latino-americana, Jayme homenageou em versos comoventes (***Don Atahualpa***) o argentino Atahualpa Yupanqui, a quem tinha como ídolo, e chegou a escrever poemas em espanhol. Para ele, não havia incoerência entre esta aproximação e sua postura de ferrenho defensor da cultura riograndense e brasileira. Afinal, argentinos e uruguaios eram povos irmãos, oprimidos pela mesma potência, contexto em que perdiam sentido rivalidades menores.

Sem deixar de valorizar o heroísmo do gaúcho e sua importância para a definição das fronteiras do Brasil nas guerras platinas do século XIX, um dos motes principais do tradicionalismo, defendia a unidade entre os povos da América do Sul, especialmente as "três pátrias gaúchas" (Brasil, Argentina, Uruguai). Os poemas de seu livro ***Paisagens perdidas*** contém inúmeras referências a manifestações culturais rioplatenses como ***Martín Fierro***, o poema nacional argentino. No poema ***Tres gauchos***, sintetizou este ideal:

"Hermanos de sembra y paz,/ América és tu bandera!/ ayer hicimos frontera,/ hoy no la queremos más.

Jayme também recebeu homenagens como esta. Em ***Paisagens perdidas***, transcreve um poema de Sandalio Santos escrito em agradecimento por seu livro ***Pátrias, fogões e legendas***. Mais recentemente, no Brasil, o repentista potiguar Geraldo do Norte, em seu disco ***Diploma de nordestino*** (2000), gravou um poema intitulado ***Tributo a Jayme Caetano Braun***.

---

Jayme Caetano Braun nasceu em 30 de janeiro de 1924. Em 1943, começa a publicar poemas na imprensa de sua cidade natal, São Luiz Gonzaga. Quis estudar medicina, mas não pôde. Mudou-se na década de 50 para Porto Alegre, onde foi funcionário do Instituto de Pensões e Aposentadorias dos Servidores do Estado (Ipase, hoje Ipergs). Foi um dos fundadores, nos anos 50, da Estância da Poesia Crioula. No rádio, apresentou, em São Luiz, Galpão de estância, a partir de 1948, e, em Porto Alegre, Brasil Grande do Sul, nos anos 70.

Publicou oito livros de poesia: *Galpão de estância* (1954), *De fogão em fogão* (58), *Potreiro de guachos* (65), *Bota de garrão*, *Brasil Grande do Sul* e *Paisagens perdidas* (todos de 66). Em 1990, publicou a

07  
eu

O próprio Jayme cantou, principalmente no início de sua carreira, a indumentária e a cozinha tradicionais do gaúcho (o mate, o arroz de carreteiro, o lenço, a faca). Mas sempre denunciou o uso indevido destes símbolos pelos opressores para confundir o povo.

"Eu pergunto: de que adianta/ plantar um pé de erva-mate,/ como sinal de combate/ em defesa de uma planta/ se a mesma mão que levanta/ nessas considerações/ é a que assina concessões/ num inconsciente floreio/ aos assassinos do meio/ que fazem devastações?", questionou em *Primavera*. E em *Sangue Farrapo*, escrita após o golpe de 1964:

"Hoje — quer seja funcionário,/ ou operário,/ ou da cidade— ou da lavoura/ ou do rodeio,/ ante os que aviltam o trabalho/ e o salário,/ se me obrigarem a escolher,/ volto e peleio!"

### Poeta e pesquisador

Poeta-repentista de gênio, intérprete dos anseios de seu povo, crítico da opressão exercida pelo latifúndio e pelo imperialismo, Jayme tem, no sul, papel equivalente ao de Patativa do Assaré no nordeste. Só diferencia-se do cearense pelo fato de, até mesmo em decorrência das condições objetivas do meio em que vivia, ter tido maior acesso à cultura erudita, mesmo que como autodidata — primeiro através do pai, professor primário, depois como diretor da Biblioteca Pública no governo Brizola. Exemplo disto é o poema *Chimarrão e poesia*, pontilhado de referências à poesia grega e medieval.

Jayme tinha também um sólido conhecimento de história e geografia, principalmente de sua região. As referências históricas são uma das marcas de sua obra e embasam a denúncia da opressão a que o gaúcho é submetido:

"Meu canto é rio,/ meu canto é sol,/ meu canto é vento,/ Eu tenho pátria,/ eu tenho berço,/ eu tenho glória./ Eu só não tenho/ terra própria/ porque a história/ que eu escrevi/ me deserdou no testamento! (poema: "*Da terra nasceram gritos*").

Além de poeta, foi pesquisador do folclore gaúcho. Tinha especial interesse pela medicina campeira, pelos remédios à base de ervas usados pelos índios (carqueja, quebra-pedra). Chegou a escrever um livro, *Vocabulário pampeano - pátrias, fogões e lendas*, sobre as tradições do estado.

Esta formação não livrou-o do preconceito das elites contra a arte popular. Em resposta, escreveu os versos de *Identidade*:

"Meia dúzia de impostores/ que se arvoram folcloristas/ e andam - mesmo que angolistas/ ciscando nos corredores/ com siglas de professores/ que adotaram por decreto/ me chamam de analfabeto/ - aceito a definição,/ mas tenho o usucapião/ que me concede o dialeto!"

### Regional, nacional, continental

A militância cultural e política de Jayme não limitou-se às fronteiras do Rio Grande do Sul ou do Brasil. A partir dos anos 60, começa a estudar a cultura gaúcha da



política que unia pequenos e médios industriais e comerciantes, profissionais liberais, setores das forças armadas e, a partir do fim dos anos 50, camponeses com pouca ou nenhuma terra.

Jayme torna-se militante político ao mesmo tempo em que torna-se poeta. Filho da pequena burguesia do interior do estado, identifica-se com a ala esquerda do Partido Trabalhista Brasileiro. Participa das campanhas de Getúlio (para a Presidência em 50), Leonel Brizola, Rui Ramos e Alberto Pasqualini. Defendia as tradições gaúchas compreendendo que a ameaça a elas vinha da penetração imperialista e que, para salvá-las, eram urgentes as reformas de base, em especial a agrária.

A questão da terra, aliás, perpassa toda sua obra. *Missioneiro*, tem como referência recorrente Sepé Tiaraju, o líder da resistência guarani à invasão portuguesa no século XVIII, cuja derrota é a origem ancestral do problema agrário no Rio Grande do Sul:

"Não pude deter a vaga de Andonega e Barbacena./ Se a História não os condena, a mancha nunca se apaga!/ A opressão jamais indaga na sua ambição mesquinha./ Era meu tudo o que tinha, era meu tudo o que havia,/ e eu morri porque dizia que aquela terra era minha!", escreveu em *Payada*.

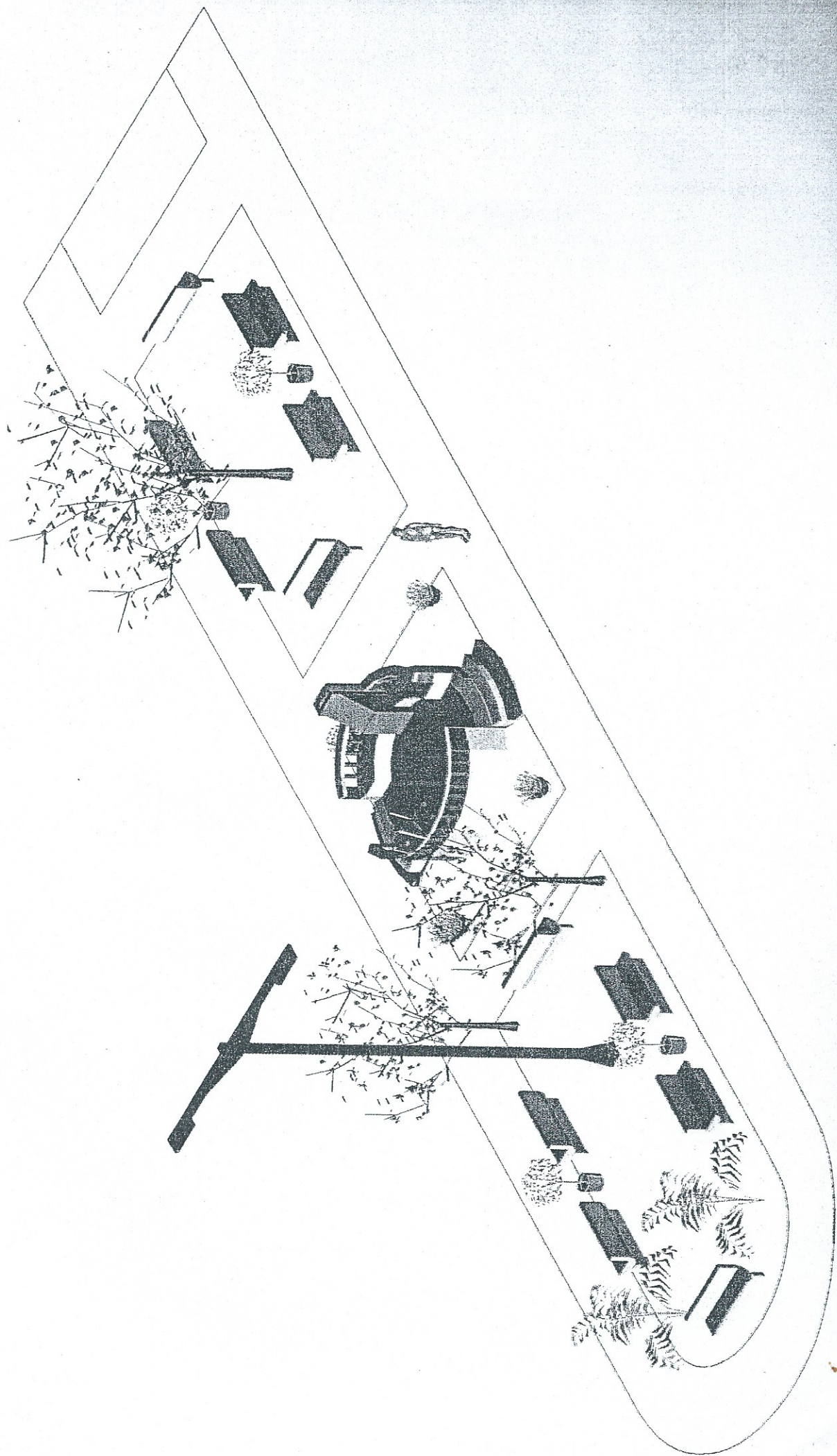
### O que é ser gaúcho?

A defesa das raízes culturais do Rio Grande do Sul e o movimento de resistência surgido nos anos 40 têm pontos em comum com um esforço de igual natureza iniciado no Nordeste do país, na mesma época, por homens como Ariano Suassuna. Ambos os movimentos buscam preservar manifestações populares frente à invasão cultural do USA, empreendida via Rio e São Paulo através de emissoras de televisão, de rádio e gravadoras. Ambos buscam superar a cisão entre arte erudita e popular através da síntese destes elementos. E ambos nascem à margem da universidade e da imprensa, que só reconheceram sua existência pela forte repercussão social que tiveram.

O esforço de coleta e sistematização de dados sobre a cultura popular que Suassuna realizou em Pernambuco foi empreendido no Rio Grande do Sul por homens como Paixão Côrtes e Barbosa Lessa, fundadores do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) que, em seus primórdios, teve uma importância análoga à do Movimento Armorial de Suassuna. Todavia, o MTG, como instituição, sofreu, ao longo dos anos, um processo de estagnação que terminou por subtrair-lhe importância. As manifestações mais vivas e autênticas da cultura do povo gaúcho deram-se no bojo do movimento, mas fora da obediência estrita a suas diretrizes.

Na realidade, toda a história do tradicionalismo gaúcho é perpassada pela contradição entre sua ala conservadora e a progressista. As duas têm em comum a valorização do passado e de alguns símbolos. Mas a maneira de compreendê-los as difere. Enquanto a vertente conservadora tende a emoldurar o passado, para a progressista o passado é história. E história viva, cheia de opressão e lutas. A primeira prende-se à defesa de imagens cristalizadas, a segunda à de princípios. Esta contradição aumenta à medida que, pela repercussão social do movimento, políticos e empresários passam, de maneira oportunista, a valer-se do sentimento de identidade do povo do Rio Grande do Sul em proveito próprio.





01